



## **A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO NO LIVRO DIDÁTICO**

REIS, Elisangela Alves

[elysreis@hotmail.com](mailto:elysreis@hotmail.com)

BARBOSA, Rosimari Bueno

[rosimaribueno@hotmail.com](mailto:rosimaribueno@hotmail.com)

RODRIGUES, Elaine (Orientadora)

[elaineuem@hotmail.com](mailto:elaineuem@hotmail.com)

Universidade Estadual de Maringá

**História e Historiografia da Educação**

### **Introdução**

O livro didático é a ferramenta mais acessível quando se fala em bem comum, e por isso se torna a principal referência para trabalhar o ensino de história. De modo geral é ele quem direciona o ensino de história, principalmente no Ensino Fundamental I. Podendo ser considerado o principal veiculador do conhecimento sistematizado, inclusive o Ensino de História.

Sob esta perspectiva o respectivo artigo traz em tela uma análise das imagens e elementos textuais, que visa investigar a permanência ou não dos preconceitos e/ou estereótipos referentes à temática indígena no livro didático.

É importante perceber e refletir se a representação do índio apenas como artesão, pescador, caçador e curandeiro ainda é apresentada nos livros didáticos atuais de maneira isolada ou contextualizada. A escolha pelo índio em meio a tantos assuntos dispostos no livro didático se deu pelo fato de que as pessoas quando ouvem falar de índio ou veem a imagem do mesmo não os diferem por tribos e/ou costumes, acabam generalizando e caracterizando como “índios”, portanto a comunidade escolar é um espaço em que essas ideias podem ser construídas e debatidas.

Pensando nisso intentamos ainda refletir e compreender o que tem sido veiculado na cultura escolar sobre a temática indígena, e se esses conteúdos, ideias, representações e imagens



têm contribuído para uma ressignificação do ensino de História, que estimule a criança a conhecer mais sobre os temas envolvidos no campo da História, identificando ainda como os conteúdos são organizados no livro didático, bem como se essas representações contribuem ou não para as permanências eurocêntricas e preconceituosas em relação à figura indígena.

Para tanto recorremos a dados documentais/bibliográficos, que se fundamentam em apontamentos como o de Chartier (2002), Bittencourt (1997), Stamatto (2007), Grupioni (1995) e Santiago (2007). A produção das análises, foram apropriadas e sistematizadas a partir da leitura de textos, artigos, anais de encontros e congressos, dissertações sobre a temática selecionada e a análise das fontes.

## Resultados

O índio é visto como um ser invisível, que habita os livros didáticos. Quando ocorre a referência são “classificados” de maneira genérica sem identificação étnica, com suas línguas, em seus diferentes espaços, em suas formas sociais de organização e cultura. (LEMOS, 1999).

A afirmação do autor é confirmada na análise dos livros didáticos selecionados, pois, no livro do 2º ano a temática indígena não tem uma unidade ou capítulo específico, os indígenas figuram nas três unidades. A primeira referência a eles está na página 19 e é identificada com subtítulo *Crianças Indígenas*. Nesta unidade além do texto é apresentada uma imagem de crianças indígenas.

**Crianças indígenas**

Em muitas aldeias indígenas, as crianças vão à escola, como você. Lá, aprendem a ler e escrever em português, mas também em sua própria língua, que é diferente em cada povo indígena.

As crianças indígenas aprendem muitas coisas observando os adultos: a pescar usando arco e flecha, a preparar alimentos, a fazer objetos de palha e argila.

Sala de aula em escola indígena xavante. Mato Grosso, em 2003.



19

Fonte: (MELANI, 2º ano, 2010 p.19).



As crianças são caracterizadas como sendo da tribo xavante, pertencentes ao Mato Grosso, no ano de 2003. Acompanhado da imagem há um texto que destaca a frequência das crianças indígenas na escola, com a finalidade de ler e escrever como as demais crianças brasileiras. Está destacada no texto a aprendizagem de leitura na própria língua nativa. A imagem mostra agrupamento na sala, os alunos estão em duplas, do lado esquerdo da imagem três crianças estão concentradas olhando para o caderno, porém a criança em primeiro plano está olhando fixamente para a folha em branco. Na fila à direita da fotografia vemos as crianças dispersas olhando para o lado da janela; a primeira criança está com a bolsa em cima do caderno, o que chama ainda mais a atenção na imagem é um garoto no final da fila da esquerda que com feição irritada leva as mãos aos ouvidos e faz cara de que aquela situação está lhe incomodando. Ao olharmos mais detalhadamente percebemos que a representação apresentada ao leitor, é a de que a criança indígena não quer estar na escola.

Freire (2002), diz que a representação que cada brasileiro tem do índio é prioritariamente aquela que foi transmitida na sala de aula, com a ajuda do livro didático. Assim as aulas de histórias são as principais responsáveis pela representação indígena no Ensino Fundamental.

#### As primeiras escolas do Brasil

Há pouco mais de 500 anos o Brasil era habitado apenas pelos povos indígenas. As crianças aprendiam com os adultos a pescar, caçar e coletar frutos na mata. Aprendiam também a fazer peças de cerâmica e cestos.

Há cerca de 450 anos chegaram aqui alguns padres jesuítas. Eles queriam ensinar a religião católica aos indígenas. Para isso, começaram a ensinar, especialmente as crianças, a ler e escrever, rezar e cantar.



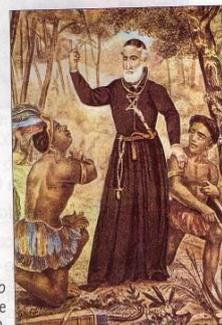
#### As cartas dos jesuítas

A primeira escola dos jesuítas foi fundada em 1549, na cidade de Salvador.

Naquela época não havia fotos, lápis, canetas nem cadernos. Podemos saber como eram as primeiras escolas criadas pelos jesuítas no Brasil por meio das cartas escritas por eles e que foram preservadas até hoje.

As cartas dos jesuítas são exemplos de registros do passado.

Padre Antônio Vieira convertendo índios no Brasil, obra de C. Legrand, cerca de 1840.



39 •

Fonte: (MELANI, 2º ano, 2010, p.39).

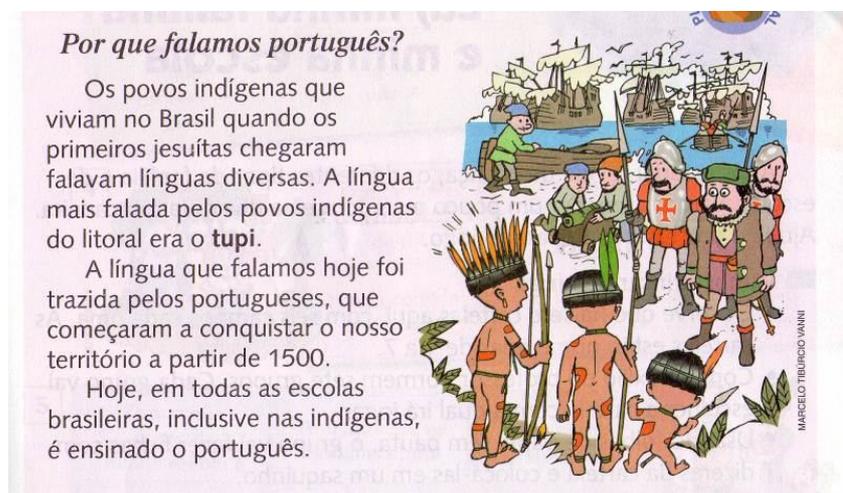
Na página 39 é apresentado o tema sobre as primeiras escolas do Brasil. Nesse tópico há uma mensagem escrita que relata como as crianças aprendiam com os adultos os ofícios de sobrevivência e artesanal. Enfatizam ainda a vontade dos jesuítas em ensinar a religião católica aos indígenas.



A imagem que acompanha o texto mostra as crianças alegres aprendendo a ler, escrever, cantar e rezar, além de uma figura jesuítica com ar pacioso e alegre. Diferente da imagem que segue logo abaixo do texto em que os índios parecem olhar com curiosidade e sem entender ao certo o que estava acontecendo, o jesuíta mostrado na obra de Legrand tem olhar sisudo e autoritário.

Percebe-se que as três imagens mostradas anteriormente destaca a figura indígena no ambiente escolar. Observe a desmotivação das crianças apresentadas no de 2003 para a representação do desenho de 450 anos atrás. A figura jesuítica está sempre acima das figuras indígenas.

Quanto a isso Chartier destaca a força que um texto impresso possui em gerar sentidos e os sentidos dados pelos leitores acontecem depois do sistema de representação que a ele é apresentado, oriundo de sua cultura, assim a representação do mundo social é determinada pela relação de interesse do grupo que a produz (CHARTIER, 2002).



Fonte: (MELANI, 2º ano, 2010, p.41).

Na página 41 aborda-se o conteúdo de pluralidade cultural e o indígena aparece novamente como coadjuvante, apenas para ressaltar que a língua brasileira foi trazida pelos portugueses. Com fisionomias de quem não sabia o que estava acontecendo, olham para os portugueses, que compartilham do mesmo olhar, grandes caravelas ao fundo e um número maior de portugueses do que indígenas são apresentados com armas.

Os povos indígenas são apresentados por iconografias de épocas, por fatos descontextualizados.



Os livros didáticos produzem a mágica de fazer aparecer e desaparecer os índios na história do Brasil. O que parece mais grave neste procedimento é que, ao jogar os índios no passado, os livros didáticos não preparam os alunos para entenderem a presença dos índios no presente e futuro. E isto acontece, muito embora as crianças sejam cotidianamente bombardeadas pelos meios de comunicação com informações sobre os índios hoje. Deste modo, elas não são preparadas para enfrentar uma sociedade pluriétnica, onde os índios parte de nosso presente e também de nosso futuro, enfrentam problemas que são vivenciados por outras parcelas da sociedade brasileira. (GRUPIONI, 1996, p.425).



Fonte: (MELANI, 2º ano, 2010, p.85).

Descontextualizado, novamente, o indígena aparece na página 85, desta vez o assunto abordado é os costumes alimentares dos tupinambás. Na verdade ao lermos esse tópico poderíamos imaginar que conheceríamos mesmo os costumes alimentares dos tupinambás, no entanto o que aparece é um relato do Hans Staden, descrevendo os índios como selvagens ao preparem seu alimento.

Percebe-se que a temática indígena não é abordada de maneira narrativa, contando a história do índio, mas aparecem em pontos esporádicos. Para uma criança de 7 anos o ideal é que os acontecimentos históricos sejam explanados de maneira linear para que ela perceba e aproprie-se do assunto desde sua concepção. A trajetória indígena na história do Brasil deveria estar presente no livro didático desde o 2º ano.

Se os livros didáticos assumiram um papel importante nos processos de ensino e de aprendizagem desenvolvidos na educação escolarizada, quais eram as consequências deles não estarem disponíveis para toda a população que ocupava os bancos escolares? Ao que parece, o livro didático tornava-se mais um dentre os diversos objetos culturais que assinalava diferenciação e exclusão social”. (GATTY JUNIOR, 2004, p.25).



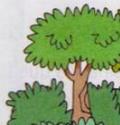
Portanto, as representações presentes nos livros didáticos produzem valores e estabelecem diferenças, bem como relações de poder. Os indígenas figuram como dominados e subordinados a cultura dos brancos. Mesmo no livro do 3º Ano, no qual eles são identificados como: *Senhores da Terra: os povos indígenas*.

#### A fundação da cidade de Salvador

Poucos anos depois, em 1549, o governo português enviou uma nova expedição para o Brasil. Ela vinha com o objetivo de construir uma cidade-fortaleza, para combater os ataques de índios e de povos vindos de fora.

Os portugueses contaram com a ajuda de Caramuru e Catarina. Eles convenceram os índios a colaborar com os portugueses. Nascia assim a cidade de Salvador.

A cidade seria a sede do governo português no Brasil, ou seja, o local onde ficariam o governador e outros funcionários enviados pelo rei de Portugal.



A colaboração de alguns indígenas ajudou os portugueses a fundar a cidade de Salvador.

Fonte: (MELANI, 3ºano, 2010, p.15).

Nesta unidade os índios são referenciados em quatro momentos diferentes. O primeiro deles refere-se à criação da cidade de Salvador (p.15), onde está relatado o poder convencimento que Caramuru e Catarina comandados pelos portugueses tiveram sobre os demais indígenas que eram contra a fundação da cidade.

A imagem mostra em primeiro plano e lado a lado o casal Caramuru e Catarina articulando e gesticulando com três outros índios, de maneira simpática e persuasiva, os demais índios ficam de frente com o casal assustados, apenas ouvindo o que se passa sem fazer qualquer intervenção, os índios ouvintes estão posicionados um atrás do outro.

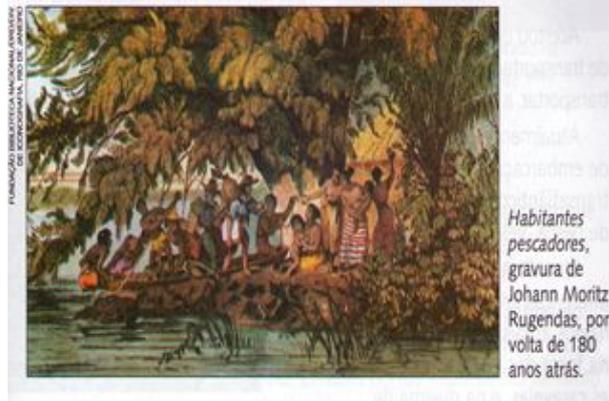
Nessa imagem, os índios não estão caracterizados com tribos, subentendemos que seriam os tupis, pois temos um conhecimento prévio que nos permite essa constatação. Porém, a criança não fará essa relação, caberá ao professor informar sobre as culturas indígenas que tiveram contado com os portugueses nos primeiros anos do século XVI.



### Nos rios, os índios são excelentes navegadores

Para navegar nos rios, os melhores construtores de embarcações são os índios. Eles foram, e ainda são, capazes de construir canoas com um único tronco de árvore.

Essas embarcações feitas pelos índios são movidas com a força humana, por meio de remos. Muitas dessas canoas aguentam com firmeza as corredeiras e as pequenas quedas dos rios.



Habitantes pescadores, gravura de Johann Moritz Rugendas, por volta de 180 anos atrás.

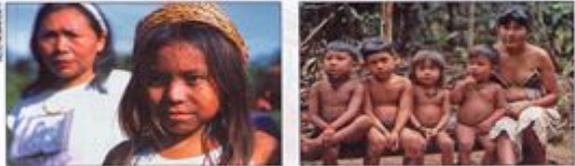
Fonte: (MELANI, 3º ano, 2010, p.77).

Nesta página, no tópico que se refere aos mares e rios, o texto apresenta a habilidade do índio em construir as melhores embarcações para navegação em rios. O texto enfatiza que eles foram e ainda são os melhores nesse ofício; construindo uma representação positiva do domínio das técnicas de construção de canoas e barcos.

Finalmente temos na página 86 uma unidade específica sobre comunidade indígena.

**Unidade 7** **Senhores da terra: os povos indígenas**

■ **Leia o texto e observe as imagens.**  
No Brasil moram pessoas de origens muito diferentes. Alguns vieram da Europa, outros da África ou da Ásia. Há povos, porém, que moram nesta terra há milhares de anos.



Indígenas do povo kaxinawá, da aldeia São Joaquim, no Acre, em 2002.

Mãe e filhos pertencentes ao povo saterémawé, no estado do Amazonas, em 2002.



Crianças dos povos barasana e tuiuca tomam banho em rio na aldeia Rouxinol, em Manaus, no Amazonas, em 2008.

Menino do povo tucano na aldeia do Balaio, no estado do Amazonas, em 2008.

1. Você conhece os povos mostrados nas fotos?
2. Sabe o lugar em que eles vivem?
3. Você tem ideia de como conseguem alimentos?
4. O que existe de diferente e o que existe de parecido entre você e as crianças mostradas nas fotos?

(Fonte: MELANI, 3º ano, 2010, p.86).

Nesta unidade o livro efetivamente apresenta a história dos primeiros habitantes do Brasil, certo? Errado. Antes o manual apresenta fotografias de diferentes povos indígenas, em diversas situações já no século XXI, para em seguida apresentar alguns questionamentos a cerca das imagens, perguntas como: “*Se a criança conhece aquele povo mostrado? Se sabe o lugar onde vivem? Se tem ideia de como conseguem alimento?*” E quanto a isso pergunto: Como poderiam responder a esses questionamentos se antes, no segundo ano e até agora no terceiro nada foi mensurado sobre a história indígena. Sabemos que a criança tem acesso à



informação em outros meios, porém, sendo o livro didático principal referencial escolar para a mesma, deveria já ter apresentado.

Bittencourt (1997), ressalta a importância das imagens como recurso pedagógico nos livros manuais didáticos de História. Sendo que, a transformação das ilustrações dos livros didáticos em materiais didáticos específicos pode contribuir para o sucesso do trabalho docente a fim de formar leitores dotados de características como criticidade e autonomia, em relação a textos históricos.

No exemplar do 4º ano os indígenas têm destaque já no primeiro bloco na segunda unidade intitulada: *Os índios chegaram primeiro*. O enunciado sugestivo nos leva a pensar que teremos contato direto com a história indígena de maneira linear. No entanto, percebe-se que abaixo do título o assunto é totalmente isolado da ideia central.

**Tempo de criança**

O texto a seguir foi escrito por Daniel Munduruku, índio do povo munduruku.

“Quando se é criança, o mundo é apenas um grande parque de diversões. E são essas as primeiras lembranças que trago em mim.

Lembro que, ainda bem pequeno, gostava de sair correndo atrás de meus irmãos e primos maiores. Era uma corrida sem finalidade. [...]”

O igarapé era nosso principal objetivo, mas também tínhamos as árvores, enormes mangueiras que cresciam por toda a aldeia. Os maiores subiam com destreza e depois me ajudavam a subir também. Passávamos horas ali, brincando de navegar nos galhos da velha árvore, comendo mangas com farinha de mandioca.”



CRISTINA MOURA/REUTERS

Crianças caiapós brincam em rio no estado do Mato Grosso, em 2001.

Daniel Munduruku.  
*Antologia de contos indígenas de ensinamento: tempo de histórias.*  
São Paulo: Salamandra, 2005. p. 25.

**○ QUE VOCÊ SABE?**

1. Quais brincadeiras faziam parte da infância de Daniel Munduruku?
2. As brincadeiras de Munduruku são parecidas ou diferentes das suas?
3. Com quem você costuma brincar? As crianças mais velhas o ajudam nas brincadeiras?
4. Elementos da natureza como rios, igarapés e árvores fazem parte das suas brincadeiras?

Fonte: (MELANI, 4º ano, 2010, p.24)

Inicia-se um relato feito por Daniel Munduruku, explanando as memórias de sua infância. Quando finalmente achamos que iniciará o relato da história dos povos indígenas, abre-se outro parágrafo; o texto afirma que os primeiros habitantes do Brasil chegaram a



milhares de anos e que teriam vindo da Ásia e se espalhado, dando origem a outros povos americanos, e eu novamente pergunto: E onde estão os primeiros habitantes do Brasil? Cadê os índios? A valorização do branco ao falar dos primeiros habitantes do Brasil, nos leva a pensar em etnocentrismo.

O etnocentrismo é apontado por Rocha (1985 apud Santiago 2007) como uma visão do mundo na qual o “nosso” grupo é tomado como centro de tudo e todos os demais grupos são pensados e sentidos por meio dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. O etnocentrismo resulta dos processos que promovem a integração de indivíduos num determinado grupo social, levando à criação de uma identidade própria a cada grupo, por meio do contraste estabelecido com outros grupos e sociedades.

### 1. Os primeiros habitantes do Brasil

#### Diferentes povos indígenas

Os índios são os mais antigos moradores das terras hoje conhecidas como Brasil: eles estão aqui há milhares de anos. Hoje eles somam uma população de mais de 730 mil indivíduos.

Os índios se dividem em muitos povos: xavantes, ianomâmis, cariris, guaranis e vários outros. Ao todo, existem no Brasil cerca de 220 povos indígenas, cada qual com um jeito diferente, com uma cultura própria.



#### Povos espalhados pelo território

Em quase todos os estados do Brasil existem povos indígenas. A grande maioria, porém, vive na região amazônica. Isso acontece por um motivo: os índios retiram das matas tudo o que precisam para sobreviver.

Acompanhe no mapa quantos povos indígenas existem em cada um dos estados brasileiros.

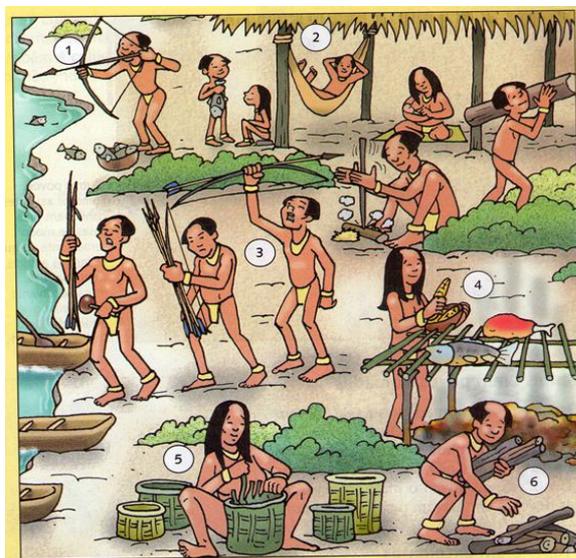
Fonte: (MELANI, 4º ano, 2010, p.26).

Enfim, na página 26, inicia-se a explanação sobre os povos indígenas como sendo os primeiros habitantes. Seguido da classificação da tribo tupi encontrada pelos portugueses no primeiro momento.

Perceba que os conteúdos não são lineares, assim essas informações se tornam subjetivas para as crianças.

**Um europeu entre os tupinambás**

Hans Staden foi um aventureiro alemão que esteve no Brasil por volta de 500 anos atrás. Ele ajudou os portugueses a se defenderem dos tupinambás, índios do grupo tupi que não aceitavam a presença dos portugueses no Brasil. Por causa disso, Staden tornou-se prisioneiro dos tupinambás. Por fim, conseguiu escapar e, de volta à Europa, publicou um livro contando o que viveu no Brasil. A ilustração a seguir foi feita com base nesse livro.



Fonte: (MELANI, 4º ano, 2010, p. 27).

Em relação às imagens apresentadas no manual didático e sua representação quanto ao pensamento histórico e cidadão da criança Mauad (2007), afirma que a imagem tem uma dupla função nos livros didáticos: educar e instruir. Segundo ela, o conjunto das imagens visuais que compõem um livro didático pode ser considerado como um conjunto iconográfico, definindo-se historicamente no diálogo com o sistema de codificação visual vigente e na dinâmica social através das agências que concorrem para a produção social da imagem (MAUAD, 2007).

Do ponto de vista educativo a imagem é suporte de relações sociais, simbolizando, de diferentes maneiras, valores com os quais a sociedade se identifica e reconhece como universais, e orientando os usos e funções da imagem visual no processo de construção de representações sociais reconhecidas como educacionalmente válidas (MAUAD, 2007).

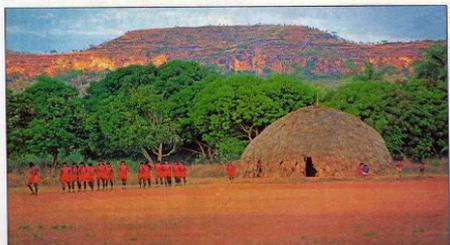
Outro tópico que remete a confusão são as referências temporais. Quando na p.85 do livro do segundo ano é mostrado um relato de Standen à cerca de 450 anos, no livro do 4º ano da o texto relata que acontecimento se deu a 500 anos, considerando o período de utilização dos livros, o mesmo aluno que recebeu essa informação no segundo ano, receberá dados do mesmo fato com datas diferentes, mesmo com datas diversas as duas edições é produzida pela mesma autora.

No exemplar do 4º ano há uma ênfase maior no povo tupi em que temos subtítulos como: “Como eram as moradias dos tupis”, Os tupis eram povo nômade”, “Os tupis eram excelentes caçadores e pescadores”, “A mandioca era o principal produto da agricultura tupi”.



#### Como eram as moradias dos tupis

As aldeias tupis tinham forma de círculo. As casas, chamadas malocas, eram cabanas construídas com palhas e troncos de árvores e cobertas com folhas de palmeira. No interior das malocas não havia paredes nem divisão em quartos. Para se defenderem de grupos inimigos e se protegerem dos animais, os tupis construíam cercas de troncos de palmeiras em torno delas.



DOSSA/REUTERS

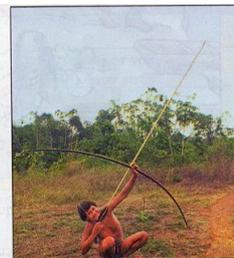
Outros povos, como os xavantes, constroem suas casas de modo semelhante ao que faziam os antigos tupis. Na foto, moradia xavante em aldeia no estado de Mato Grosso, em 2001.

#### Os tupis eram povos nômades

Os tupis eram nômades, ou seja, viviam em constante movimento. Quando o solo se esgotava, eles se mudavam para outro local em busca de terras novas e férteis. No lugar escolhido, eles cortavam o mato, construíam novas malocas e iniciavam o cultivo da terra.

#### Os tupis eram excelentes caçadores e pescadores

A pesca, a caça e a navegação eram muito praticadas pelos povos tupis. Essas atividades garantiam grande parte dos alimentos que eles consumiam. Em canoas, os tupis se deslocavam pelos rios e pela costa brasileira, pescando e explorando novas áreas.



NOVA/SHUTTERSTOCK

Os índios utilizam o arco e a flecha para caçar. Na foto, merino ianomâmi caçando na aldeia Demini, no estado de Roraima, em 1996.

MELANI, 4º ano, 2010, p.28

Perceba que o verbo empregado no passado nos leva a pensar que os tupis não existem mais, ou que mudaram seus costumes e hábitos alimentares. Se fosse o caso de mudança, a autora poderia expressar que tipo de alimentos, cultivos e outras atividades eles realizam hoje.

Os conteúdos não estão elencados de maneira que permita a articulação dos assuntos entre os livros, isso acontece tanto nas unidades como na coleção em si. É importante destacar que esse manual é a reedição dos exemplares utilizadas anteriormente, com alterações apenas ortográficas e estética do livro.

Em relação às tribos podemos verificar que apesar da desorganização do conteúdo no livro; os povos estão nominados, aparecem tribos como: tupinambás, xavantes, ionomâmis, caiapós, kaxinawá, saterémawé, barasana, tuiúca e tucano. Apesar dessa da caracterização podemos dizer que o indígena ainda aparece de maneira genérica, o nome da tribo aparece abaixo das imagens sem referência a costumes e modo de vida.

## Conclusões

Diante das discussões propostas foi possível verificar que os conteúdos veiculados sobre cultura indígena está pouco organizado, sem linearidade dos acontecimentos, com fatos isolados em títulos vazios. Isso contribui para a uma confusa imagem em relação ao índio, as informações basicamente se resumem a brincadeiras indígenas, costumes alimentares e sua participação dos índios no descobrimento do Brasil, em relação a essa última referência podemos perceber que antes da apresentação do índio como primeiro habitante do país o que está anteposto é a figura europeia, mesmo quando o assunto é somente a cultura indígena.



O ensino de História, através da formação de conceitos, tem como principal referência a interação entre a teoria e a prática, ou seja, os conteúdos estudados e seu reflexo na construção crítica e cidadã da criança, porém a ausência de imagens ou textos com caracterização atual dos indígenas poderia contribuir para a ressignificação da história indígena, estimulando a curiosidade particular de cada aluno e consequentemente fazê-lo perceber a importância da diversidade cultural e o respeito a mesma.

A busca por saber apenas mecanismos ligados a sua própria cultura é um dos fenômenos que dá origem e sustentação ao preconceito, assim como os estereótipos são matéria-prima e expressão do preconceito. Os preconceitos são juízos preestabelecidos, baseados em crenças ou opiniões que formamos sem conhecer devidamente a realidade sobre a qual nos manifestamos.

Assim, o ensino de História, juntamente com os manuais didáticos, não deixaram de ser veículos portadores da ideologia de construção de uma identidade nacional, “a existência da História escolar deveu-se, sobretudo, ao seu papel formador da identidade nacional, sempre paradoxal, no caso brasileiro, uma vez que deveríamos nos sentir brasileiros, mas antes de tudo pertencentes ao mundo ocidental cristão”. (BITTENCOURT, 1997, p. 17).

Com a pesquisa foi possível verificar que, apesar das mudanças ocorridas no ensino de História e da perspectiva de como trabalhar a partir de sujeitos históricos, a metodologia ainda não foi modificada e o livro didático é o principal recurso utilizado nessa metodologia, ou seja mesmo com as grandes mudanças no campo científico da História, os conteúdos continuam sendo praticamente os mesmos.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria F. **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo, Editora Contexto, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre Práticas e Representações; tradução de Maria Manuela Galharda. 2.ed. Difel-Difusão, 2002, p.121-139.

FREIRE, **A imagem do índio e o mito da escola**. In MARFAN, Marilda A. org. Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação- Formação de Professores: educação escolar indígena, Brasília: MEC, 2002, p.93-99.



GATTY JÚNIOR, Décio. Estado, Currículo e Livro Didático no Brasil (1988-2007) In: LEMOS, César de Miranda. **Os índios invisíveis: o ensino de História sem etnicidade**, in: Maria Cristina Bohn Martins As sociedades indígenas, a história e a escola Antíteses, vol. 2, n. 3, jan/jun., 2009, p. 153-167.

GRUPIONI, Luis Donizeti Benzi. Livros didáticos e fontes de informação sobre as sociedades indígenas no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopez da Silva; GRUPIONI Donisetti Benzi, (Org.). A questão indígena na sala de aula. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC, 1995, p. 407-419.

MAUAD, Ana Maria. **As imagens que educam e instruem** – usos e funções das ilustrações nos livros didáticos de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias; Natal: EDUFRRN, 2007.

MELANI A.R.M. **Projeto Pitangüá História: Componente Curricular**. São Paulo, Moderna, 2º, 3º e 4º ano, 2008.

SANTIAGO, A.L **As sociedades indígenas no entrecruzamento do prescrito e do vivido na cultura escolar**, Florianópolis, 2007.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos. **Um olhar sobre a presença das populações nativas na invenção do Brasil**. IN: SILVA, Aracy Lopez da Silva; GRUPIONI Luiz GRUPIONI, Luis Donizeti Benzi. Livros didáticos e fontes de informação sobre as sociedades indígenas no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopez da Silva; GRUPIONI Donisetti Benzi, (Org.). A questão indígena na sala de aula. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC, 1995.

STAMATTO, M.M.D, SUCUPIRA, M.I (orgs). **O Livro Didático de História: políticas educacionais, pesquisa e ensino**. Natal: EDUFRRN, 2007.